

Sociedade em Tumulto

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JOÃO LUÍS JESUS FERNANDES
FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO

*Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território
Universidade de Coimbra*

COIMBRA, O LUGAR E A UNIVER(S)CIDADE – O OLHAR DE *OUTROS*¹

RESUMO

A deriva Cultural da Geografia reanimou o interesse dos geógrafos pelo domínio das construções simbólicas e das percepções do território. A cidade é um espaço geográfico complexo, funcional e simbólico, apropriado por múltiplos agentes, dos residentes aos activos que no quotidiano a procuram, aos turistas e, em cidades universitárias como Coimbra, aos estudantes que ali afluem seguindo ciclos temporais muito diferenciados. Destes últimos, os que chegam vindos de outros países, integrados no *Programa Sócrates-Erasmus*, reforçam a diversidade e o cosmopolitismo da paisagem cultural coimbrã. A mobilidade *Erasmus* faz parte de uma estratégia de enriquecimento da Europa em recursos humanos mais resilientes e capacitados mas é também uma mobilidade que alarga os horizontes espaciais e constrói identidades geográficas mais abertas e de contacto. Nesta experiência académica e neste trajecto espacial, mudam os estudantes mas mudam também os lugares de acolhimento. Por isso, conhecer Coimbra implica também olhar para o quotidiano e para modo como esta é percebida por quem chega.

Palavras-chave: Percepção, Identidade Territorial, Coimbra, *Programa Sócrates-Erasmus*.

ABSTRACT

The cultural turn in Geography has revived the scientific relevance of subjects such as the symbolic production of space and the perceptions of

¹ Os autores deste artigo agradecem aos Drs. Antonino Silva e Sara Sousa toda a colaboração prestada para a execução dos inquéritos aos estudantes *Erasmus* durante as aulas de Língua Portuguesa que, no ano lectivo 2004/2005, decorreram na Faculdade de Letras de Coimbra.

territory. The city is a complex symbolic and functional geographic space, hosting a diverse range of actors, including local residents, commuters, tourists, and, in the special case of university towns like Coimbra, different groups of students. Within this group, foreign students participating in the *Socrates-Erasmus Program* are important agents of diversity and cosmopolitanism in the cultural urban landscape of Coimbra. *Erasmus* mobility is intended to develop more resilient and well-prepared human resources in Europe. However, this kind of spatial mobility is also a door for the construction of more open and hybrid territorial identities. This academic journey changes the students themselves but is also a factor of change for the receiving places. For this reason, the perceptions and the daily life of these academic newcomers are important for a deeper knowledge of a city like Coimbra.

Keywords: Perception, Territorial Identity, Coimbra, *Erasmus-Socrates Program*.

1) Introdução – O Programa Sócrates-Erasmus, os recursos humanos e a percepção do espaço

À Geografia interessa o modo como diferentes agentes e grupos (etários, sociais, culturais, étnicos ou outros) percebem e apropriam os lugares. Esta Geografia está atenta aos olhares e às vivências que, em conjunto, definem cada espaço geográfico, ponto de encontro de personagens que o vão modelando e (re) construindo. Nesta perspectiva pós-moderna, uma cidade, particularmente esta, pela sua atractividade, pela maior densidade de fluxos, pela respectiva diversidade, faz parte da territorialidade de diferentes actores que a (re)produzem e nela deixam também a sua marca, facto importante sobretudo em lugares mais abertos e cosmopolitas, em territórios de contacto e de convergência.

Os olhares e as percepções sobre um determinado espaço geográfico resultam de uma complexa cadeia de influências, estruturais algumas, circunstanciais outras, que vão desde a personalidade do observador, as suas experiências, idade e valores, mas também os estímulos que, de forma directa ou indirecta, recebe, do modo como contacta e se insere nesse espaço geográfico, das vivências presentes e passadas, dos estereótipos que se filiam a esse lugar e condicionam as expectativas de quem o procura (SILVA e FREITAS, 2001).

Estes olhares, complexos, quase sempre cruzados e difíceis de descodificar, são relevantes objectos de estudo numa época de estreitamento de relações, de encurtamento das distâncias relativas, de compressão do espaço e do tempo, de um aparente maior (mas nem sempre

melhor) conhecimento mútuo e constante questionamento das identidades das populações e dos lugares.

Este estreitamento das distâncias promove o contacto e a viagem, real ou virtual, estimula e promove o olhar sobre lugares mais distantes, multiplica a representação dos espaços geográficos, (re)constrói e (re) produz um maior número de imagens desses lugares, tornando mais complexas e menos decifráveis as relações de cada indivíduo com os seus territórios pessoais. Estes estão agora ancorados a identidades territoriais que se constroem com referências espaciais mais híbridas e labirínticas. O aumento do capital de mobilidade, um aumento social e espacialmente fragmentado, promove novas trajectórias espaciais, alarga as bacias de emprego e, no geral, amplia o número e a diversidade de agentes em movimento, dos turistas aos profissionais e aos estudantes, o que fomenta percepções alargadas do espaço e o rompimento com lógicas territoriais de clausura.

A mobilidade geográfica, enquanto factor de potencial acréscimo de diferentes formas individuais e colectivas de capital, é particularmente relevante no caso dos fluxos estudantis, uma circulação espacial de futuros agentes sociais, político-económicos e culturais de mudança e capital humano em formação para posterior entrada no mercado de trabalho.

Realizada por Cédric Klapisch em 2002, a produção cinematográfica *L'auberge espagnole* acompanha o quotidiano de um grupo de estudantes de várias nacionalidades que se juntaram em Barcelona, numa experiência académica e de vida longe dos seus países de origem. Nesta mobilidade *Erasmus* promove-se o encontro da diversidade e filma-se uma cidade de convergência, aqui percebida por olhares distintos e apropriada por diferentes personagens que, apesar de unidos pelo mesmo estatuto de estudantes, apresentam diferentes perfis identitários, numa diferença que advém de matrizes como a diversidade da origem e dos respectivos percursos territoriais. Nesta obra de Klapisch cruzam-se estudantes franceses, belgas, dinamarqueses, alemães e castelhanos, personagens que deambulam e apropriam a paisagem urbana de Barcelona, espaço de encontro de múltiplas territorialidades, dos lugares de estudo, aos espaços de residência e destes aos territórios da festa e do devaneio. Neste trabalho, acompanham-se os processos de desterritorialização-reterritorialização de estudantes que, neste trajecto, perdem referências espaciais, sociais e afectivas (desterritorialização), que depois se reconstroem num novo lugar (re-territorialização), com novos espaços, à medida que se resolvem os problemas de comunicação (língua), se encontra um novo lugar de residência e se (re) fazem as

redes de amizade (HAESBAERT, 2004). Com isso, reformatam-se as identidades geográficas e incorporam-se novas referências e percepções espaciais. Para uma estudante portuguesa, depois de uma experiência *Erasmus*, a Europa passou a ser “*uma rede de pontos – quase sempre cidades – que rapidamente consigo unir entre si num mapa afectivo que as aproxima no meu pensamento*” (VIEIRA, 2007, p. 1). Viajando entre cidades, ao estudante abre-se uma nova Europa, mais próxima mas também mais fragmentada, por uma estrutura urbana definida pela rede das universidades de acolhimento, aonde chegam mas também de onde partem os fluxos *Erasmus*, como se fossem placas giratórias, para outras experiências académicas, profissionais ou turísticas. Para Vieira (2007, p.1), o sentimento de pertença ao continente europeu aumentou à medida que se foi construindo esse seu “*mapa afectivo*”.

Com efeito, esta circulação *Erasmus*, cujo nome homenageia o humanista e teólogo renascentista Desiderius Erasmus Rotterdamus, que estudou em várias escolas monásticas europeias, promove a aproximação identitária a uma Europa que, reforçando os valores da diversidade cultural, procura fomentar o contacto e a partilha de símbolos comuns de identificação e atenuar os potenciais conflitos nacionalistas que se sustentam na concorrência entre Estados-Nação atomizados (BANCE, 1992).

Para Cristina Robalo Cordeiro (2002), à diversidade cultural, a mobilidade *Erasmus* acrescenta a universalidade da ciência e a viagem como um processo de enriquecimento pela descoberta do *Outro* e de outros lugares, com o apuramento do sentido de tolerância e respeito mútuo “*Desde o século XVI ao século XXI muita coisa mudou, certamente, mas o espírito de Erasmo, tão justamente escolhido como símbolo epónimo de um programa de intercâmbio de estudantes, persiste e ganha corpo em cada um dos que partem movidos por uma mesma vontade curiosa e irrequieta, em golpe de asa idêntico ao que inspirou o humanista*” (CORDEIRO, 2007, p. 5). Nesse sentido, o programa associa-se ao ideal filosófico e iluminista da paz e da harmonia que, com Montaigne, Montesquieu e Voltaire, acreditava num mundo de trocas comerciais mas também de livre circulação de pessoas, para quem a nacionalidade não deveria ser uma herança e uma matriz identitária exclusiva (BANCE, 1992).

Para além disso, o estudante *Erasmus* será sempre um veículo de difusão da imagem de outros lugares: em primeiro lugar, do seu território de origem - pela diversidade linguística que os acompanha, pelas matrizes de identidade que reproduzem nos lugares de chegada (como

a gastronomia e a música); em segundo, depois do regresso, o estudante *Erasmus* é um veículo de difusão da imagem da universidade e da cidade onde viveu esta experiência., Para o marketing territorial importam a intensidade da imagem do lugar - mais ou menos conhecido no exterior, e a diversidade das dimensões associadas a essa imagem - um lugar com imagem mais diversificada ou, pelo contrário, um lugar estereotipado por uma imagem unidimensional (AVRAHAM e KETTER, 2008). Por isso, pela sua intervenção nesses dois domínios da imagem de um espaço geográfico (a intensidade e a diversidade), estes estudantes serão sempre uma mais-valia para a afirmação de cada local de origem e de acolhimento.

Criado pela Comissão Europeia em 1987, o *Programa Erasmus* (“*European Community Action Scheme for the Mobility of University Students*”) surge depois dos *The Joint Study Programmes*, que já promoviam a mobilidade de estudantes por períodos entre 6 e 12 meses, mas inspirou-se também em programas de mobilidade estudantil nos EUA, como o *Junior Year Abroad*. Com 4000 estudantes no ano de arranque, na actualidade o *Programa Erasmus* envolve cerca de 150 mil (TEICHLER e JANSON, 2007). Este programa europeu fomenta a circulação de estudantes do ensino superior entre os Estados da União Europeia, os do Espaço Económico Europeu (a Noruega, o Liechtenstein e a Islândia) e ainda a Turquia, numa rede que totaliza 31 países. Depois de 2001, com o *Erasmus Mundus*, esta experiência de mobilidade foi também alargada a instituições não europeias (EUROPEAN COMMUNITY, 2009).

A criação deste programa deve ser entendida no contexto da crescente integração política e económica dos Estados europeus, do estreitamento das distâncias e do levantamento das barreiras internas, consolidado, por exemplo, pelos Acordos Schengen. Ao *Erasmus*, que adequa a mobilidade espacial da população estudantil a esta nova arquitectura política, associa-se, depois de 1995, o *Programa Sócrates*, um mais alargado projecto de educação que promove a aprendizagem ao longo da vida e prevê mobilidades em estádios de formação pós-graduada. Por isso, o *Programa Erasmus* é, desde essa data, uma acção do *Programa Sócrates*, na qual se encontra a sub-acção que integra a organização da mobilidade, o sistema europeu de transferência de créditos (ECTS) e a mobilidade de professores e estudantes universitários.

O *Erasmus* é, deste modo, uma inovação institucional que faculta a circulação geográfica de estudantes entre uma rede de instituições de ensino superior reconhecidas pelas autoridades *Erasmus* nacionais e às

quais se atribui, pela Comissão Europeia, a *Erasmus University Charter*, que certifica a instituição e a adequa aos princípios fundamentais pelos quais se rege esta mobilidade académica.

Esta mobilidade espacial foi também facilitada pelo Processo de Bolonha, que ajustou os sistemas europeus de ensino, por via de um regime de créditos transferíveis e do reconhecimento internacional dos currículos e dos planos de estudo. O *Programa Erasmus* será mesmo um dos pilares dos Acordos de Bolonha (assinados em 1999 por um conjunto de Estados europeus), que apontam para uma convergência estrutural do ensino superior na Europa e para a criação de um espaço comum de educação, uma *European Higher Education Area*, em 2010 (TEICHLER e JANSON, 2007).

A Universidade de Coimbra, que assinou um vasto conjunto de protocolos *Erasmus*, é uma das instituições portuguesas de ensino superior com maior expressão nesta mobilidade académica. Por exemplo, entre o ano lectivo 2003/2004 e o ano lectivo 2007/2008, o número de estudantes *Erasmus* a frequentar a Universidade de Coimbra passou de 527 para 801 (subida de 52%). Estes valores confirmam o aumento do número de protocolos estabelecidos entre a Universidade de Coimbra e outras instituições: 382 em 2004/2005 e 615 no ano lectivo 2007/2008, valores que correspondem a uma evolução de 61% (ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2008). Esta afluência de estudantes estrangeiros faz de Coimbra um lugar de chegada que, para ser compreendido, deve considerar os múltiplos olhares que incidem sobre este espaço urbano. No capítulo seguinte, analisar-se-ão as percepções que um grupo de estudantes *Erasmus* tem de Coimbra.

2) Coimbra no imaginário e no quotidiano dos estudantes *Erasmus* que frequentaram a cidade no Ano Lectivo 2004/2005

474

Dos 539 estudantes *Erasmus* que, no ano lectivo 2004/2005, frequentaram a Universidade de Coimbra, inquiriram-se 105 através de um método aleatório que consistiu na apresentação de um questionário durante as aulas de língua portuguesa oferecidas pela Faculdade de Letras. Os estudantes que responderam ao inquérito tinham uma origem dispersa por 13 países, com especial incidência em Espanha (27,2% dos inquiridos), Itália (17,5%), França (10,7%), Alemanha (10,7%), República Checa (9,7%) e Reino Unido (8,7%). Neste universo de estudantes que respondeu ao inquérito, dominaram o sexo feminino (59% dos inquiridos) e idades entre os 20 e os 25 anos, declaradas por

91% das respostas. Neste grupo, apesar de estarem representadas todas as áreas da Universidade de Coimbra, 75% estudavam em cursos da Faculdade de Letras e da Faculdade de Economia.

Na caracterização do universo de inquiridos, é importante aferir o tempo de estada na cidade de Coimbra, pois este pode ser um factor que condicione a imagem, mais ou menos consolidada e vivida, que se tem do lugar de chegada. Neste grupo (o inquérito foi colocado em Fevereiro de 2005), predominaram os estudantes recém-chegados e os que já se encontravam há meio ano nesta universidade. No primeiro caso, trata-se de estudantes chegados a Coimbra para frequentar o 2º semestre; no segundo, de estudantes que haviam iniciado o ano lectivo logo no 1º semestre.

Deste grupo, 94% declarou estudar em Portugal pela primeira vez. Os casos pontuais de reincidência de uma experiência académica em Portugal e em Coimbra referem-se aos que, sobretudo depois de um curso breve de Verão, regressaram ao país por um período mais longo. Para além de Portugal, 17% declarou ter já estudado noutros países, que não o seu de origem, o que revela uma realidade em crescimento - a mobilidade espacial dos estudantes no espaço europeu (neste caso, Inglaterra e Espanha foram os países mais citados) mas também não europeu (os EUA foi o terceiro nesta lista).

Para a Geografia importa ainda a análise da comunicação e dos canais de difusão que possam motivar a mobilidade espacial. Por isso, questionaram-se os estudantes sobre a fonte de informação respeitante ao curso que então frequentavam em Coimbra: cerca de 70% revelou que a obteve na universidade de origem, ora nos gabinetes de relações internacionais, o que revela a importância dos contactos internacionais e em rede entre as diversas instituições, ora através de professores que tiveram algum tipo de experiência em Coimbra; 28% obteve essa informação pela internet, facto que traduz a importância em manter uma página Web actualizada, de qualidade e acessível. Para além destes canais de informação, 20% dos inquiridos referiram uma anterior visita turística à cidade de Coimbra e à Universidade, facto que lhes terá despertado interesse para uma posterior vinda por um período de estudos mais longo. Foi também por via informal que estes estudantes tiveram acesso à informação. Neste aspecto, alguns referiram que foi fundamental o exemplo de ‘outros’ estudantes *Erasmus* com estadas anteriores em Coimbra.

No que respeita às motivações que levaram estes estudantes a optar por uma experiência *Erasmus* na Universidade de Coimbra, outra variável importante no estudo da mobilidade espacial deste grupo,

algumas respostas (cerca de 10%) citaram a casualidade, enquanto noutros casos foi referida a falta de uma outra opção válida, pelo menos para os estudos específicos que alguns dos inquiridos declararam pretender desenvolver neste ano lectivo. 14% dos inquiridos revelou um interesse especial por uma área científica e de investigação (muitos têm teses a decorrer e procuram bibliotecas, fontes ou orientadores científicos em Coimbra).

As motivações para a escolha da Universidade de Coimbra dispersam-se por um conjunto mais amplo de factores, entre os quais se destaca o prestígio exterior da Universidade e da vida estudantil de Coimbra (cerca de 50% dos inquiridos), mas também outros, como a escala urbana (20% das respostas referiram-se à qualidade de vida que se pode encontrar numa cidade com a dimensão de Coimbra) e a sua localização espacial, quer no enquadramento nacional (próximo do litoral, entre o norte e o sul, como referem algumas respostas, que declararam interesse em, a partir de Coimbra, conhecer melhor a Geografia portuguesa), quer pela proximidade de Portugal com os países de origem, resposta que se aplica sobretudo aos estudantes espanhóis.

Uma das principais informações para aferir do quotidiano de uma população num espaço urbano é o local e o tipo de residência. No que respeita ao segundo aspecto, a maioria (cerca de 65%) encontrava-se em quartos arrendados em casas de estudantes, enquanto os restantes se dividem por residências universitárias, casas individuais ou mesmo por quartos arrendados em casas familiares. Quanto ao primeiro aspecto, para cartografar a localização desses locais de residência, procedeu-se à divisão da cidade de Coimbra em 5 sectores: a Alta; a Baixa, definida por uma área entre o Mondego, a Rua de Aveiro e de Saragoça, a Rua Ferreira Borges e a Rua da Sofia; uma terceira área, entre a Praça da República e a Cruz de Celas; uma quarta, entre Celas e a Solum, o Bairro Norton de Matos e o Vale das Flores e, por fim, uma última, em Santa Clara.

A distribuição espacial da residência destes estudantes denota uma forte concentração: cerca de 30% fixou-se entre a Praça da República e Celas, enquanto 48% dos restantes se dividia entre a Alta e a Baixa, o que revela o interesse dos estudantes *Erasmus* em aproximar-se do Pólo I da universidade e da área histórica de Coimbra, questão que também releva do facto de grande parte dos estudantes inquiridos frequentar as Faculdades de Letras e de Economia e de, no geral, não terem transporte próprio para deslocações quotidianas mais longas. Essa concentração está ainda relacionada com o quotidiano e os hábitos de consumo

revelados pelos estudantes inquiridos. Ao nível da animação nocturna, procuram lugares já frequentados por outros estudantes, como a Praça da República e o Teatro Académico Gil Vicente. Em relação aos consumos do quotidiano, estes inquiridos revelaram, sobretudo na aquisição de bens alimentares, preferência por pontos de venda perto das residências, facto que também condicionaria a escolha da morada, que se deseja mais próxima de áreas de comércio, como alguns supermercados da Baixa.

A chegada de estudantes *Erasmus* traz novos consumidores, outros agentes de apropriação do espaço e, num período restrito de tempo, novos residentes. Cerca de 90% dos inquiridos declarou frequentar bares, 79% mercearias e supermercados, 65% cinemas, enquanto 62% e 47% declararam, respectivamente, fazer percursos pedestres na cidade ou desenvolver alguma actividade desportiva, muitas vezes associada à frequência de espaços verdes. Para além destas actividades, 58% declarou recorrer, com assiduidade, a algumas agências bancárias.

Quando questionados sobre o que mais gostam em Coimbra, as respostas são muito diversificadas, mas incidem sobretudo naquilo que mais os motivou para o ingresso nesta universidade: o ambiente académico e a vida estudantil foram das mais citadas qualidades da cidade de Coimbra (referidas por mais de 50% dos inquiridos), factor relevado sobretudo porque este espaço urbano apresenta (para 35% dos inquiridos) uma escala humana e um ambiente geral de tranquilidade, segurança e valores patrimoniais de interesse. Para os inquiridos, em termos climáticos este espaço urbano é, quase sempre, confortável e ameno, mas Coimbra é também um lugar atractivo pela diversidade e, para 10% dos inquiridos, algum cosmopolitismo, numa cidade ponto de encontro, ainda para mais, nas expressões de 20% dos inquiridos, com um custo de vida acessível.

O ambiente geral urbano foi também referido por 30% dos inquiridos, que vêm nas pessoas uma das maiores qualidades da cidade de Coimbra. Apesar de estarem numa cidade universitária, é relevante o facto de apenas 11% dos estudantes que responderam ao inquérito terem referido as actividades culturais como uma mais-valia da cidade. Com efeito, a falta de serviços e de actividades lúdicas e culturais de qualidade foi um dos aspectos negativos mais referidos pelos inquiridos que, na hora de apontar os problemas prementes da cidade e os factores mais repulsivos, se dividiram por outros factores como o relevo (neste ponto, refere-se com insistência as dificuldades de locomoção numa rua simbólica de Coimbra, o Quebra-Costas, resposta dada sobretudo pelos

que, no quotidiano, fazem percursos frequentes entre a Alta, a Baixa e a área da Praça da República); alguma desordem urbanística; a má qualidade de algumas habitações (o problema do aquecimento é recorrente, facto que se compreende porque uma percentagem significativa destes estudantes revelou viver nas áreas mais antigas da cidade); o trânsito e os automóveis e a excessiva sazonalidade de Coimbra (neste aspecto, apontou-se em especial o despovoamento urbano durante os fins-de-semana). Nestes pontos negativos, os estudantes inquiridos apontam também alguns problemas gerais, como a elevada burocracia nalguns procedimentos do quotidiano e, quer nos espaços públicos, quer nos espaços privados, a excessiva presença da televisão, um entretenimento central num ambiente que, apesar de universitário, consideram pouco exigente e afirmativo em termos culturais.

Para além da paisagem, dos acontecimentos, dos serviços e da qualidade de vida que proporciona, o imaginário dos lugares vincula-se a personagens, reais ou ficcionadas, contemporâneas ou históricas, personagens que fazem da paisagem um espaço topobiográfico. Esse imaginário associa-se também a outros elementos simbólicos, geo-símbolos que darão identidade e reforçarão o espírito de um lugar, eventos que lhe dão alma, que criam coesão interna mas que também o projectam no exterior.

Estes inquéritos revelam uma leitura histórica, patrimonial e académica da cidade de Coimbra. Para os estudantes *Erasmus* inquiridos, Coimbra continua (para 20%) vinculada a D. Dinis, personagem histórica associada à fundação da Universidade e a quem se dedica um dos espaços simbólicos mais visíveis, a Praça D. Dinis, com uma estátua que se impõe a quem sobe as escadarias Monumentais. Para estes inquiridos, Coimbra é também a cidade de escritores como Miguel Torga e Eça de Queirós, é o território da Irmã Lúcia (aqui as respostas foram sugeridas pelo então recente falecimento de Lúcia, ocorrido a 13 de Fevereiro de 2005, alguns dias antes do lançamento dos inquéritos) e da Rainha Santa, mas também de D. Pedro e D. Inês de Castro, personagens centrais da mitologia portuguesa e Coimbrã, figuras relevantes na estratégia geopolítica de afirmação peninsular de Portugal. Carlos Paredes, Zeca Afonso, a própria figura do estudante, vestido de cores negras, de capa e batina, são personagens incontornáveis para entender o espírito da cidade. Por isso, a Queima das Festas e a Latada foram consideradas, para 60% dos inquiridos, os principais eventos da cidade, os acontecimentos que teriam modelado a paisagem cultural coimbrã, eventos aos quais se acrescentariam, para uma margem mais residual de

inquiridos, momentos fundadores como a criação da universidade, a instituição das repúblicas estudantis ou ainda, numa perspectiva mais religiosa, para uma minoria de 3% dos inquiridos, a Procissão da Rainha Santa. Entre uma paisagem académica e uma *cityscape* religiosa, Coimbra é percebida sobretudo pela importância de monumentos como a Sé Nova, a Sé Velha, a Igreja de Santa Cruz ou os Conventos de Santa Clara (espaços referidos por mais de 54% dos inquiridos quando questionados sobre os principais geo-símbolos da cidade). As Escadas Monumentais, a Biblioteca Joanina, a Torre da Universidade, as Repúblicas, o Penedo da Saudade, a Quinta das Lágrimas, o Jardim Botânico mas também e sobretudo, para cerca de 30% das respostas, o Mondego, o rio que marca a cidade, outro elemento fundador de uma *cityscape* que, seguindo estas percepções, se modelou algures entre a natureza, a religião e o espírito académico.

Apesar da forte matriz patrimonial com que Coimbra é percebida por estes estudantes, quando questionados pela adjectivação que melhor serviria a cidade, entre as 4 opções (Capital do Conhecimento, Capital da Cultura, Cidade-Museu e Capital da Saúde), as respostas dividiram-se, apesar do destaque dado ao Conhecimento e à Cultura. Quando se sugeriram outras adjectivações, entre a abordagem mais consistente e séria e as respostas mais irónicas, leves e singulares, Coimbra foi identificada por múltiplas dimensões, como a Capital da História, como Coimbra a Cidade Antiga, a Cidade do Álcool (o excesso de consumo de álcool nas festas estudantis foi também apontado como um dos problemas desta cidade universitária), a Capital das Colinas e da Tradição, dos Estudantes e do Cosmopolitismo, tudo num turbilhão de epítetos de uma cidade que não causa indiferença, uma cidade, como se referiu, de Contradições, a mesma que permite, ao mesmo tempo, apelidar Coimbra de Capital das Festas e Capital da Tranquilidade, Coimbra cidade do devaneio e do encontro da diferença mas também Coimbra enquanto território de escala humana, lugar que confere tempo e espaço à paragem e à fixação.

Também neste ponto se percebe Coimbra como um espaço diversificado, um lugar de chegada mas também um ponto de difusão, de saída para outras viagens, para outras visitas para, a partir desta cidade considerada como central, se conhecer melhor o país. Antes desta experiência *Erasmus*, 27,6% dos inquiridos tinha já visitado Coimbra e 54,3% alguma outra cidade ou região de Portugal. Apesar disso, a estada em Coimbra, sobretudo durante os longos fins-de-semana que, como se referiu, despovoam a cidade, é uma oportunidade de via-

gem numa população que, apesar de nem sempre apresentar um elevado capital económico, tem um forte capital de mobilidade. Com efeito, 82% dos inquiridos tinha já, pelo menos uma vez, viajado para fora da cidade de Coimbra, quer para territórios de proximidade, quer para áreas urbanas com maior centralidade, como Lisboa, Porto, Aveiro ou Braga (Figura 1). Nestes percursos encontram-se ainda lugares como Peniche, Leiria, Lousã, Évora, Sagres e Faro numa dispersão mais intensa sobretudo entre as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. Neste eixo norte-sul, o comboio foi o meio de transporte mais utilizado. Contudo, para além da relevância do transporte ferroviário e das mais fáceis ligações entre as duas áreas metropolitanas, estas deslocações no sentido vertical do território português traduzem também a imagem geral que se tem do país, um território percebido sobretudo pela sua progressão norte-sul. A imagem exterior de Portugal afirma um contraste percebido sobretudo entre o Norte e o Sul, mais atlântico no primeiro caso, de matriz mais mediterrânea no segundo, facto que condiciona os mapas da mobilidade de turistas e viajantes estrangeiros em Portugal (SILVA e FREITAS, 2001).

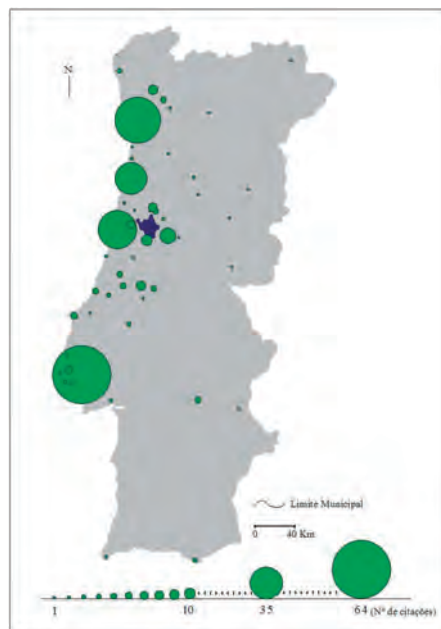


Figura 1 – Lugares visitados pelos inquiridos durante o período de estudos *Erasmus* em Coimbra.

Por outro lado, a totalidade dos estudantes declarou a intenção de viajar por outros lugares do país durante o período de frequência do *Programa Erasmus* em Coimbra, o que faz desta cidade um ponto de convergência mas também um lugar de divergência, com um alcance que pode chegar ao exterior - alguns estudantes, sobretudo aqueles vindos de países mais longínquos, declararam-se dispostos a utilizar Portugal como plataforma para viagens mais longas: por Espanha mas também por Marrocos. Santiago de Compostela, Salamanca, Madrid, Casablanca, Marraquexe e Rabat estão entre os destinos que, a partir de Coimbra, se propõem alcançar.

Por tudo isto, a imagem de um lugar é complexa mas é também geográfica e interessa à Geografia. O conhecimento de um lugar, apesar de nunca ser pleno, faz-se pela observação de cada um mas também se enriquece quando se confronta esse olhar com o olhar dos *Outros*, olhares vários, focalizações e ângulos diferentes, de quem vive a cidade de múltiplas formas. Coimbra é, neste aspecto, uma paisagem cultural de contradições, um espaço geográfico complexo, um espaço de múltiplos territórios cruzados. Estes estudantes *Erasmus*, para além da frequência da universidade e dos espaços da cidade, dos seus serviços e equipamentos, são futuros agentes de difusão da imagem de Coimbra no exterior, dando-lhe intensidade e, pelos resultados revelados neste inquérito, transmitindo uma imagem mais pluridimensional e complexa de uma cidade que, apesar da relevância da instituição universidade, tem uma maior diversidade interna.

Bibliografia

- Administração da Universidade de Coimbra, *U. C. em Números* (Coimbra 2008) 87.
- E. Avraham, e E. Ketter, *Media strategies for marketing places in crisis* (Amsterdam, Butterworth-Heinemann e Elsevier 2008) 231.
- A. Bance, 'The idea of Europe: from Erasmus to ERASMUS', *Journal of European Studies* 22 (London, Sage Publications 1992) 1-19.
- J. V. Boira Maiques, "El studio del espacio subjectivo (Geografía de la Percepcion y del Comportamiento): una contribución al estado de la cuestión, *Estudios Geográficos* Tomo LIII nº 209 (1992) 573-592.
- O. Bracht *et al*, *The professional value of the Erasmus mobility* (Brussels, European Commission 2006) 291.

- C. R. Cordeiro, 'Erasmus de Coimbra: 20 anos de sucesso', *Rua Larga* 18 (Coimbra, Reitoria da Universidade 2007) 5-6.
- D. Cosgrove, 'Mapping/Cartography', in David Atkinson *et al* (Edit.), *Cultural Geography. A critical dictionary of key concepts* (London and New York, I. B. Taurus 2005) 27-33.
- M. Crang, *Cultural Geography* (London, Routledge 1998) 215.
- European Community, http://ec.europa.eu/education/erasmus-mundus/doc514_en.htm (2009) (consultado a 24 de Junho).
- R. Haesbaert, *O mito da desterritorialização* (Rio de Janeiro, Bertrand Brasil 2004) 395.
- A. Hingel *et al* (Coord.), (2008), *Progress towards the Lisbon objectives in education and training* (Brussels, Commission of the European Communities 2008) 232.
- J. Medina (2006); *Portuguesismo(s)* (Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa 2006) 543.
- R. S. Phillips, 'The language of images in Geography', *Progress in Human Geography* 17, 2 (1993) 180-194.
- I. Silva e P. Freitas, *Representações mentais de Portugal na Hungria*, (Lisboa, Editorial Estampa 2001) (117).
- O. Söderström, 'Representation'; in David Atkinson *et al* (Edit.), *Cultural Geography. A critical dictionary of key concepts* (London and New York, I. B. Taurus 2005) 11-15.
- U. Teichler e K. Janson (2007), 'The Professional value of temporary study in another european country: employment and work of former Erasmus students', *Journal of Studies in International Education*, vol. 11, n° 3/4 (London, Sage Publications 2007) 486-495.
- B. Tversky, 'Distortions in cognitive maps', *Geoforum*, vol. 23, n° 2 (1992) 131-138.
- A. B. Vieira, *De como se constrói um europeu. A propósito das comemorações dos 20 anos do Programa Erasmus*; in <http://pt.mondediplo.com/spip.php?article120> (2007) (consultado a 13 de Outubro).